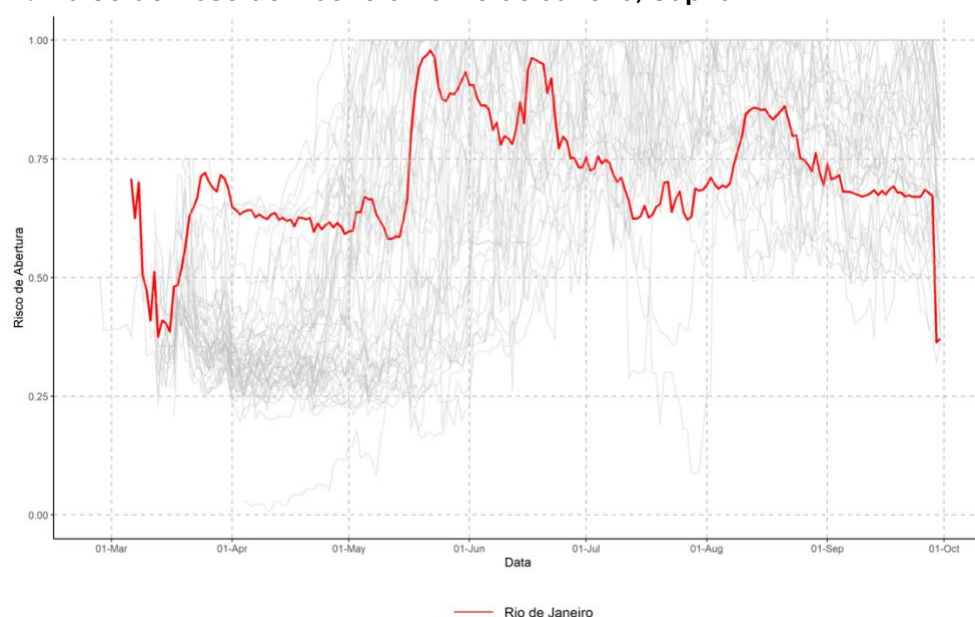


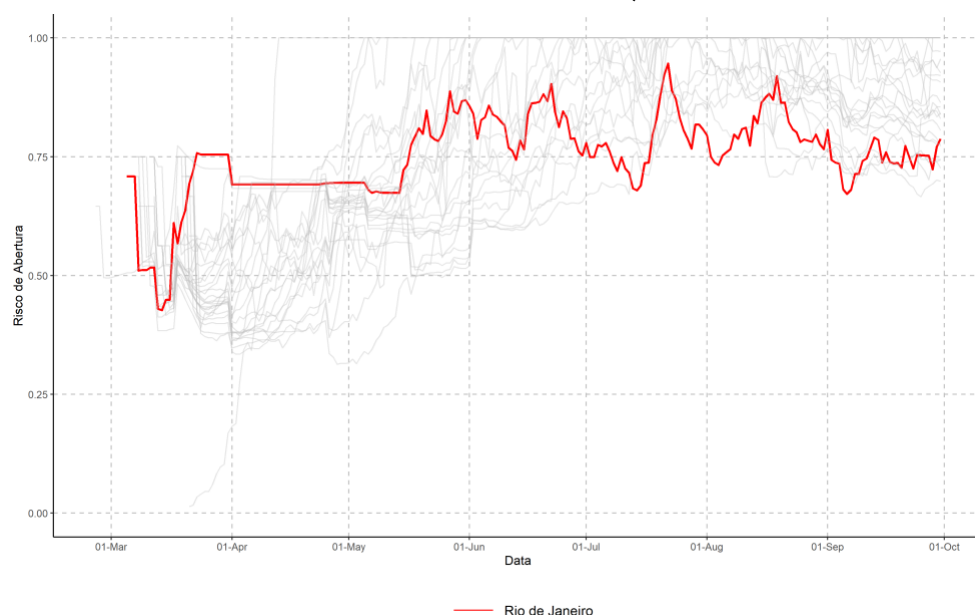
Região	Rio de Janeiro, Rio de Janeiro
Período	Junho a outubro de 2020
Autoria	Teresa Soter Henriques, Rodrigo Furst de Freitas Accetta, Maria Luciano e Beatriz Kira

**Figura RJ.1 – Índice de Risco de Abertura (Risk of Openness Index - RoOI)**

**A. Índice de Risco de Abertura no Rio de Janeiro, capital**



**B. Índice de Risco de Abertura no Rio de Janeiro, estado**



# Oxford COVID-19 Government Response Tracker

## Políticas de Resposta à COVID-19 no Brasil

### Policy note – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro



#### Respostas dos governos estadual e municipal

A Figura 1 indica como o Risco de Abertura cresceu ao longo do período analisado, e, apesar de uma diminuição no risco da capital ao final de setembro (provavelmente puxado por atrasos na publicação de dados epidemiológicos) continuou bastante alto no estado do Rio de Janeiro.

No período de junho a setembro, houve um afrouxamento gradual das medidas de combate à Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro, orientado por decisões dos governos estadual e municipal.

As mudanças mais significativas na cidade do Rio de Janeiro estão associadas ao plano de retomada da economia anunciado pela prefeitura no dia 1º de junho. De acordo com o plano, todas as atividades devem seguir as chamadas 'Regras de Ouro' da prefeitura, que são medidas gerais de reforço da higiene e distanciamento social. A mudança entre as fases do plano dependeria de avanços nos índices de saúde, tais como número de casos e disponibilidade de leitos hospitalares.

Na primeira etapa, atividades esportivas individuais foram permitidas nas praias, assim como a abertura de lojas de decoração e concessionárias. Apesar da política estadual ter autorizado a reabertura de uma série de serviços não essenciais a partir do dia 6 de junho, na capital essa reabertura respeitou o plano municipal. Shoppings centers cariocas só voltaram a operar quando medidas da fase 2 foram antecipadas para o dia 11 de junho, com capacidade reduzidas e horas restritas de operação. No dia 27 de junho, passaram a funcionar na cidade do Rio também lojas de rua e salões de beleza, medidas que estavam previstas para a fase 3, mas foram antecipadas.

Até o dia 18 de junho, estavam ativos bloqueios em algumas ruas e bairros da cidade. Depois dessa data, apenas os bloqueios em Bangu e Campo Grande, na Zona Oeste, e da região comercial da Avenida Sargento de Milícias, na Pavuna, prosseguiram. As restrições ao transporte intermunicipal e interestadual para estados com casos confirmados de Covid-19, que estavam em vigor até então, passaram a ser removidas a partir de 19 de Junho. Nessa data, o transporte interestadual foi autorizado a retomar as atividades, mas com no máximo 50% de sua capacidade. A maior parte do transporte intermunicipal, com a exceção da linha aquaviária Charitas que conecta a capital a Niterói, também voltou a operar, mas nos modais operados pela prefeitura passageiros não podem viajar em pé.

A partir do 19 de junho, o estado determinou que atividades religiosas poderiam ser retomadas, seguindo medidas de higiene, assim como bares e restaurantes. Esses últimos, no entanto, só receberam aval do município para abrir no 2 de julho, assim como academias de ginástica, com o início da fase 3A. A fase 3B do plano do município começou no dia 10 de julho, e não trouxe mudanças para o comércio. No entanto, parques e praças foram reabertos, assim como feiras de artesanato e as ruas abertas aos domingos e feriados.

No dia 17 de julho, como parte da fase 4, as atrações turísticas reabriram, limitadas ao máximo de um terço de suas capacidades de ocupação. O comércio de rua foi autorizado a reabrir, mas somente aos sábados. Lojas de rua, galerias e shoppings passam a poder operar com dois terços

# Oxford COVID-19 Government Response Tracker

## Políticas de Resposta à COVID-19 no Brasil

### Policy note – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro



de suas capacidades, no lugar do um terço de ocupação da fase anterior. A prefeitura anunciou a criação de 'micropolos' para facilitar a fiscalização e o distanciamento social, nas ruas Olegário Maciel, na Barra da Tijuca; na Dias Ferreira, no Leblon; na Praça Nelson Mandela, em Botafogo; e na Praça Varnhagem, na Tijuca. Essas áreas passam a contar com áreas de entrada e saída específicas. Esportes em grupo que permitam o distanciamento social foram também autorizados na praia, mas apenas nos dias de semana.

No 1 de agosto, iniciou-se a fase 5 da reabertura. A prefeitura passou a permitir banho de mar, mas sem permanência na areia. O horário de funcionamento de restaurantes e bares foi estendido, e shopping centers voltaram a operar nos horários de antes da pandemia. Finalmente, no 1 de setembro foi iniciada a primeira parte da fase final da reabertura, 6A. A fase havia inicialmente sido prevista para meados de agosto, mas foi adiada pela prefeitura. Museus, galerias de arte, parques de diversões, bibliotecas e centros culturais foram autorizados a abrir. Casas de festa infantis e áreas de entretenimento de crianças em shopping centers também puderam retomar as atividades. Essa fase continua em vigor até o fim de setembro, com a manutenção das restrições de presença de público em esportes e permanência nas praias.

Os planos de reabertura de estabelecimentos educacionais no Rio de Janeiro foram marcados por conflitos judiciais. Em agosto, a prefeitura anunciou que o ensino presencial de alguns anos em escolas privadas poderia voltar de forma voluntária, mas essa decisão foi revogada por decisão judicial. No 1 de outubro, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ) reverteu essa decisão, permitindo novamente a abertura de escolas privadas. No nível estadual, o governo autorizou a retomada do ensino presencial em setembro. Tal decisão foi inicialmente suspensa pelo Tribunal Regional do Trabalho – TRT, mas a suspensão foi posteriormente revogada pelo mesmo tribunal.

Desde 14 de setembro, escolas privadas do estado do Rio de Janeiro podem abrir as portas, mas essa abertura só pode ocorrer em regiões do estado categorizadas como áreas com baixo risco de contágio por pelo menos duas semanas antes da data de reabertura de escolas. Era o caso da capital, onde algumas escolas privadas de fato reabriram. No entanto, a Prefeitura reiterou que a decisão anterior do TJRJ ainda estava em vigor, e portanto a reabertura de escolas prosseguia suspensa. Ainda assim, algumas escolas continuam operando presencialmente.

A partir do dia 23 de abril, o uso de máscaras fora de casa passou a ser obrigatório, por determinação do governo municipal, com pena de multa. No dia 3 de junho, o estado aprovou um decreto exigindo o uso obrigatório de máscaras em todo o estado. Aglomerações, definidas pela prefeitura como eventos sem razão aparente de 10 pessoas ou mais, prosseguem proibidas. Para sua fiscalização, o DiskAglomeração permanece ativo por todo o período. No momento a escrita desta análise, também continuava proibida a realização de eventos com presença de público.

No município, não há política de rastreamento de contatos organizada pelos governos municipal. A testagem PCR segue os direcionamentos do estado, com testes sendo realizados apenas em casos sintomáticos em hospitais e postos de saúde, condicionados a decisão de profissionais da saúde.

# Oxford COVID-19 Government Response Tracker

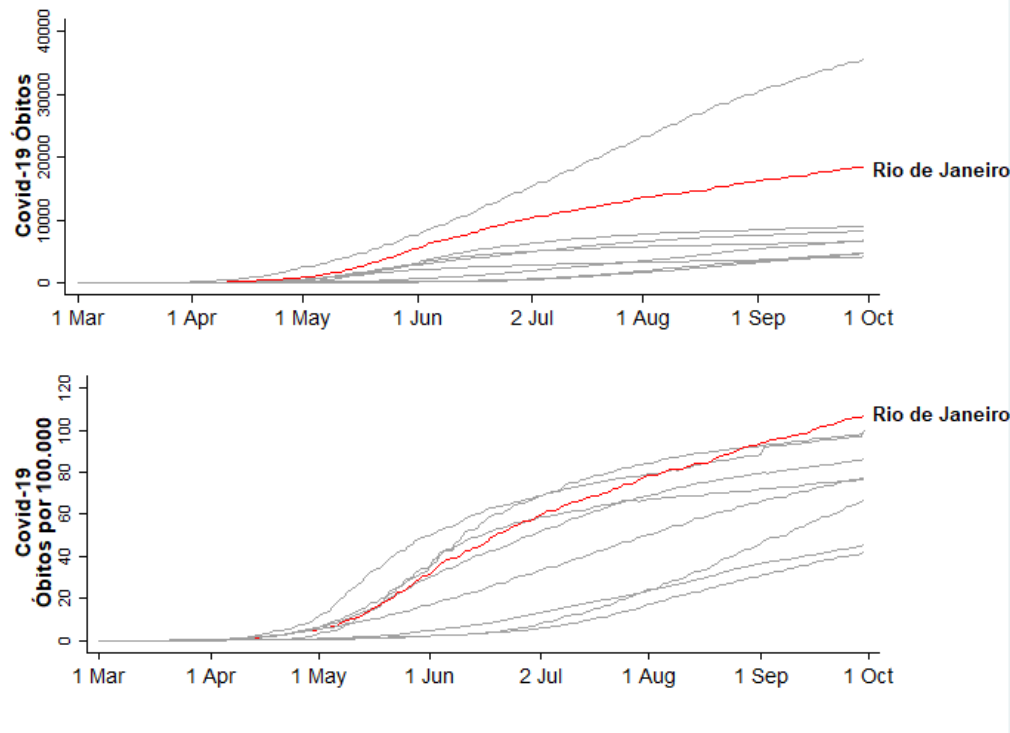
## Políticas de Resposta à COVID-19 no Brasil

### Policy note – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro

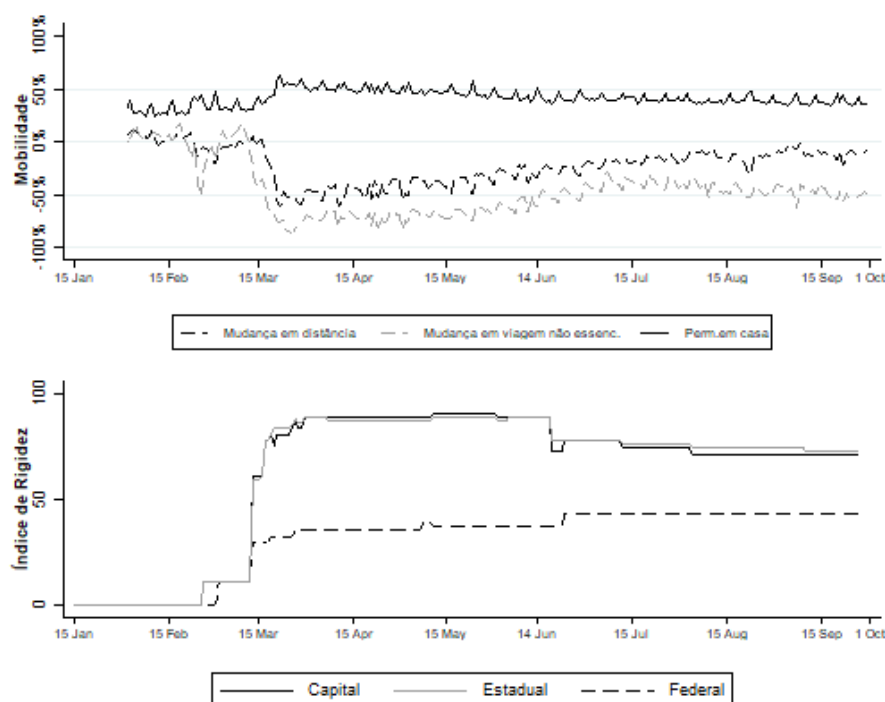


As campanhas de informação para a população continuaram sendo veiculadas, tanto pelo governo estadual como pelo governo municipal. A partir de meados de junho, no entanto, houve uma mudança no tom da campanha, que acompanhou a flexibilização das medidas, representando um chamado para população participar da retomada econômica. Por exemplo, a prefeitura da capital parou de utilizar a hashtag #FiqueEmCasa no início do mês.

**Figura RJ.2 – Número acumulado de óbitos e óbitos per capita no estado do Rio de Janeiro e nos outros oito estados pesquisados**



**Figura RJ.3 – Indicadores de mobilidade para o estado do Rio de Janeiro e o índice OxCGRT de rigidez para diferentes níveis de governo**



## **Resultados da pesquisa no Rio de Janeiro**

A cidade do Rio de Janeiro possui 6,7 milhões de habitantes, com 15% da população acima de 60 anos de idade. O IDH é de 0,799, tornando-a a 8ª capital brasileira mais desenvolvida do país (de 27).

Apenas 12% das pessoas entrevistadas no Rio de Janeiro ficaram em casa, sem sair, nas duas semanas anteriores ao período entre 6 e 27 de maio, em comparação a 7% que o fizeram na quinzena anterior ao período entre 27 de julho e 2 de outubro. Aquelas que saíram de casa o fizeram, em média, 4,6 e 7,3 dias nas quinzenas anteriores ao primeiro e segundo períodos, respectivamente. Mais de três quartos das pessoas da primeira rodada de entrevistas (78%) saíram para atividades essenciais, como idas ao supermercado, à farmácia ou ao banco. Pouco menos de um quarto (24%) saiu de casa para ir trabalhar (comparado a 67% que saíram para trabalhar regularmente em fevereiro). Dos entrevistados na segunda rodada, 76% saíram para atividades essenciais, enquanto 34% saiu de casa para ir trabalhar (comparado a 62% que saíram para trabalhar em fevereiro).

As pessoas que saíram de casa entre 22 de abril e 13 de maio estimaram que 75% das outras pessoas que viram nas ruas estavam usando máscaras, em comparação a 68% no período de 13 de julho a 18 de setembro. No Rio, 6% das pessoas entrevistadas no primeiro período disseram terem sido testadas, em comparação a 20% no segundo período. Apenas 1% das pessoas afirmou, no primeiro período, ter tentado fazer o teste sem sucesso, em comparação ao segundo período em que ninguém o fez. Quatorze por cento e 24% da amostra da primeira e segunda rodadas, respectivamente, relatou ter tido pelo menos um sintoma de Covid-19 na semana anterior à entrevista.

Um quarto dos entrevistados no primeiro período disse ter usado o transporte público nas duas semanas anteriores à entrevista, em comparação a 43% dos entrevistados no segundo período. Ademais, 64% dos entrevistados no primeiro período afirmaram terem usado o transporte público em fevereiro, em comparação a 68% no segundo período. Apenas 16% e 14% das pessoas no primeiro e segundo períodos, respectivamente, afirmaram que a redução na oferta de serviços de transporte público fez com que deixassem de realizar as atividades que pretendiam.

O conhecimento sobre os sintomas de Covid-19 entre os moradores do Rio foi semelhante à média das nove cidades pesquisadas. O índice médio para as pessoas entrevistadas no Rio foi de 83 e 79 em 100 no primeiro e segundo períodos, respectivamente. O conhecimento sobre o significado e as práticas associadas ao auto isolamento foi, em média, 48 e 47 em 100 no primeiro e segundo períodos, respectivamente, o que é um pouco mais alto do que a média das nove cidades (veja uma explicação desses índices na seção reportando os resultados principais).

As principais fontes de informação sobre a Covid-19 para residentes do Rio de Janeiro foram os noticiários de TV (60% e 61% dos cariocas no primeiro e segundo períodos, respectivamente, disseram que receberam a maior parte de suas informações dessa fonte) e jornais e sites de jornais (18% e 13% no primeiro e segundo períodos, respectivamente). Sessenta e um por cento das pessoas entrevistadas na primeira rodada disseram terem assistido a campanhas de informação pública, sendo que 82% relataram terem visto na TV, 33% em jornais, 33% no Facebook ou Twitter, 27% em blogs e 24% no WhatsApp. Mais da metade daqueles que viram uma campanha de



# Oxford COVID-19 Government Response Tracker

## Políticas de Resposta à COVID-19 no Brasil

### Policy note – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro



informação pública (52%) declararam ter visto uma campanha do governo estadual, 46% do governo federal, e 34% do governo da cidade. Quanto aos entrevistados na segunda rodada, 61% disseram terem assistido a campanhas de informação pública, sendo que 80% relataram terem visto na TV, 17% em jornais, 17% no Facebook ou Twitter, 16% em blogs e 10% no WhatsApp. Trinta e cinco por cento daqueles que viram uma campanha de informação pública declararam ter visto uma campanha do governo estadual, 56% do governo federal, e 41% do governo da cidade.

No primeiro período, cerca de 49% dos entrevistados no Rio disseram que sua renda havia diminuído desde fevereiro e um terço (30%) disse que havia perdido pelo menos metade dela. Seis por cento da amostra disse ter perdido toda a renda desde fevereiro. Já no segundo período, 42% disseram que sua renda havia diminuído desde fevereiro e 25% disse que havia perdido pelo menos metade de sua renda. Quatro por cento da amostra disse ter perdido toda a renda desde fevereiro.

Os entrevistados no Rio não estavam confiantes de que o sistema público de saúde esteja pronto para lidar com o surto do vírus. Na primeira rodada de entrevistas, apenas 16% das pessoas relataram acreditar que o sistema de saúde em sua região esteja bem preparado (9%) ou muito bem preparado (7%) para a pandemia. Oitenta e seis por cento das pessoas disseram estarem preocupadas (11%) ou muito preocupadas (75%) com a escassez de equipamentos médicos, leitos hospitalares ou médicos.

A grande maioria da amostra do primeiro período (81%) considerava a Covid-19 mais grave do que a gripe comum, em comparação a 69% da amostra do segundo período. No momento da primeira rodada de entrevistas, havia apetite por políticas mais rigorosas de resposta à pandemia: as respostas do governo à Covid-19 eram consideradas adequadas por apenas 41% dos entrevistados, enquanto 51% as consideravam menos rigorosas do que o necessário. Apenas 9% acreditava que as medidas eram muito rigorosas. Na segunda rodada, por sua vez, o apetite por políticas mais rigorosas se manteve: as respostas do governo à Covid-19 eram consideradas adequadas por apenas 24% dos entrevistados, enquanto 29% as consideravam menos rigorosas do que o necessário. E apenas 7% acreditava que as medidas eram muito rigorosas.

O tempo médio que as pessoas no Rio estimaram que levaria para que todas as medidas fossem flexibilizadas foi de 4,4 e 7,1 meses no primeiro e segundo períodos, respectivamente, um pouco abaixo da média nas nove cidades pesquisadas (4,6 e 7,5 meses no primeiro e segundo períodos, respectivamente). Apenas 14% das pessoas entrevistadas no Rio no primeiro período acreditavam que todas as medidas seriam removidas de uma só vez.

Figura RJ.4 – Distanciamento social, conhecimento e testes na cidade do Rio de Janeiro

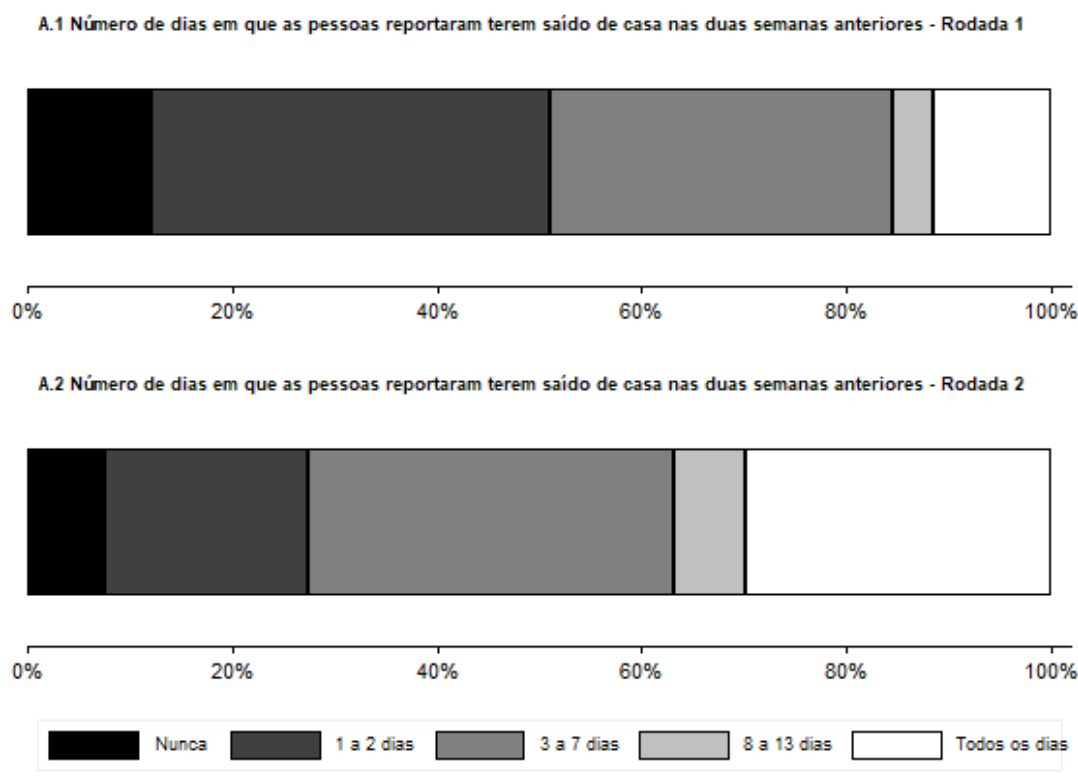
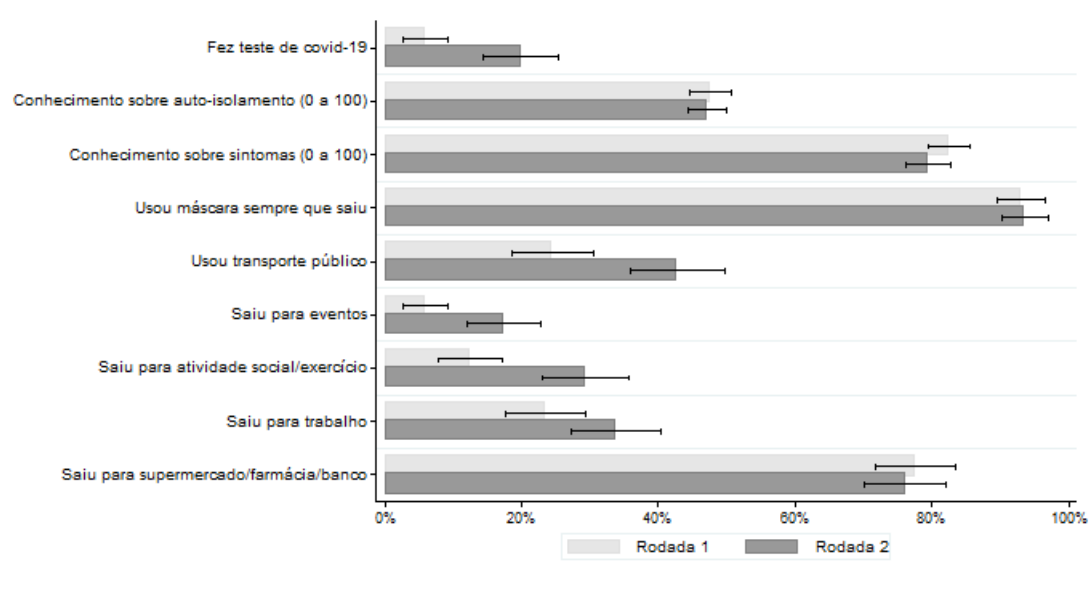


Figura RJ. 5 – Teste, conhecimento, uso de máscara, e razões para sair de casa



Dados disponíveis em: <https://github.com/OxCGRT/Brazil-covid-policy>